

6. Conclusão

A escolha de tratar neste trabalho da concepção de Rorty sobre a contingência está relacionada ao fato de que o tema perpassa importantes questões da reflexão filosófica, e nos permite termos uma visão ampla da influência de Rorty no pensamento filosófico.

Como podemos observar, o ponto de vista da contingência desenvolvido por Rorty oferece-nos uma visão de diversos âmbitos da filosofia: para entendermos o alcance da contingência passamos por importantes temas, como a sua visão sobre a verdade, o seu anti-representacionalismo, e mais especificamente, a linguagem, o indivíduo e a política.

Na parte da contingência da linguagem escolhi focalizar o trabalho no diálogo de Rorty com Donald Davidson, pois penso que o trabalho de Davidson tem um papel central na construção do tema.

É muito interessante observarmos como Rorty, a partir de sua interpretação e diálogo com a concepção de Davidson sobre a natureza da metáfora, constrói suas concepções sobre o papel da linguagem. As idéias de Davidson de que o que diferencia o literal do metafórico não é uma questão de significado, mas de uso – o uso metafórico não se diferencia do literal por oferecer um novo significado, mas sim por utilizar o significado literal deslocadamente, por utilizá-lo de uma maneira inesperada – servem de apoio ao pensamento de Rorty sobre a linguagem sob o ponto de vista do uso, do manejo que temos de nossas linguagens.

Rorty, seguindo suas concepções anti-representacionistas, concebe a linguagem a partir de uma tentativa de superação da idéia de que a mesma tem a função de representar algo, e ao invés disso, é um instrumento¹, que ao acaso, surgiu como consequência do aprimoramento das relações e comunicações humanas. A evolução da linguagem, sob esse aspecto, não é vista como um aprimoramento no sentido representacional, mas como simplesmente um processo onde novas ferramentas vão surgindo para servirem a um determinado objetivo, na tentativa de alcançá-lo mais facilmente ou melhor, frente as ferramentas já existentes.

¹ Aqui já foi apontada a ressalva de Rorty sobre a questão da instrumentalidade da linguagem (“A Contingência da Linguagem em Richard Rorty”, seção 1.2).

A utilização de Rorty do trabalho de Davidson sobre a metáfora está principalmente relacionada ao fato de que tanto a sua tentativa de conceber a linguagem como ferramenta quanto as metáforas davidsonianas estão focadas na questão do uso.

Ao falar do progresso lingüístico como um processo de novas criações metafóricas se apresentando frente a velhos usos literais, Rorty pontua a questão central da contingência da linguagem, que é o fato de que ao invés de pensarmos nossas descrições lingüísticas sob o ponto de vista do que chama de tradição metafísica platônica- kantiana, descritas como tentativas de falar e representar uma realidade permanente, imutável, seria mais interessante pensarmos no progresso lingüístico como um processo de novas metáforas, que são usos inusitados de velhos instrumentos, que vão abrindo espaço para pensarmos coisas novas que não poderíamos pensar ou criar a partir de velhos instrumentos literais.

E é como sequência do seu estudo das criações metafóricas que Rorty fala do indivíduo e de sua contingência. É sob o mesmo aspecto que busca falar do indivíduo, já que da mesma maneira que a linguagem, não tem um ponto imutável fixo a se referir e se constituir. É da mesma maneira metafórica que o “eu “ deve ser concebido; não como uma procura de uma natureza já existente, mas como uma tentativa de se criar constantemente pelos experimentos privados de criações metafóricas. É inusitada a maneira como Rorty trabalha o pensamento de Freud para construir suas reflexões sobre o assunto. Foi por esse motivo que escolhi Freud para ser ponto de diálogo no segundo capítulo.

A interpretação de Rorty não é uma tentativa de se aprofundar em conceitos específicos de Freud, mas refletir de que maneira, em geral, sua teoria trouxe aspectos revolucionários para pensarmos o indivíduo.

A inovação de Freud, para Rorty, está no fato de que os aspectos instintuais são tratados, diferente das diversas tentativas de oposição no pensamento filosófico entre instinto e razão, como parte importante para constituição do sujeito, e não como uma parte a ser superada. Além disso, a idéia de que o “eu” como podendo ser visto sob diversos pontos de vista (consciente, inconsciente, ego, superego, id²), auxilia-nos a ver o indivíduo constituído por diversos

² Como já apontado, não tenho o objetivo, assim como Rorty, de falar especificamente destas esferas do psiquismo, mas apenas apontá-las para falar da importância de Freud na compreensão do sujeito.

discursos que lhe atravessam, onde sua auto-imagem não deve ser construída como uma tentativa de buscar uma centralidade nesses discursos, mas deve ser entendida como uma rede ampla de diversas crenças e desejos, que está em constante mudança.

O que importa na compreensão do ser humano são seus aspectos contingenciais e particulares que fizeram parte de seu processo de construção, que estão em constante transformação e modificação. Os diversos discursos (muitas vezes, discordantes) que são construídos pelas diferentes esferas do psiquismo não devem ser vistos como conflitos a serem superados, mas como partes integrantes de nosso processo contínuo de criar metáforas privadas sobre nossas histórias.

A contingência do indivíduo, para Rorty, é uma tentativa de compreender o indivíduo não a partir de uma descrição fixa do mesmo, ou como uma tentativa de encontrar nos diversos aspectos que constituem o sujeito algo que permaneça mesmo com as mudanças de nossos discursos e realidades, mas como uma compreensão que os discursos variantes que fazem parte da história de cada indivíduo são o principal aspecto a ser notado na sua construção.

Ao notarmos as peculiaridades de nossas histórias, as nossas contingências específicas, o nosso foco na contingência não está em encontrar valores fixos para determinarmos um sujeito, mas na compreensão de que esse discurso varia com a nossa capacidade constante de autocriação, da capacidade de criar novos discursos, mesmo sobre aspectos dos nossos passados. A interlocução com o que Rorty chama de “quase-pessoas” é um processo contínuo de construção de nossas auto-imagens. E este é um aspecto muito importante para Rorty para sua reflexão moral, pois para ele, não precisamos pensar no progresso moral como uma tentativa de encontrarmos em todos nós algo de comum e de compartilhado, mas podemos pensar como uma tentativa de tentarmos entender o ser humano como fruto de uma rica rede de crenças e desejos. Assim, um aspecto importante nas nossas relações interpessoais seria o aumento constante de nossa capacidade imaginativa para que possamos abarcar essas diferenças que constituem cada indivíduo como um aspecto importante para pautarmos nossas relações sociais.

Neste ponto da conclusão dou continuidade à reflexão acerca da importância do pensamento de Rorty sobre a contingência. No terceiro capítulo tratamos da contingência de uma comunidade liberal, que é a parte que trata da política neste trabalho.

Na contingência de uma comunidade liberal, Rorty desenvolve o que seria a sua utopia liberal. Esta utopia é uma tentativa de aplicar as concepções desenvolvidas na contingência da linguagem e do indivíduo na esfera política. Seria uma cultura onde seus cidadãos teriam consciência da contingência de sua linguagem, de suas reflexões morais e políticas.

As minhas considerações sobre as limitações do pensamento de Rorty focaram-se primordialmente nesta parte do estudo. Isto porque penso que os dois primeiros capítulos são trabalhados para que se levantem discussões muito importantes nas respectivas áreas estudadas. Rorty oferece-nos uma breve recapitulação de importantes discussões filosóficas tradicionais, e busca levantar novos aspectos a serem considerados, dialogando com importantes pensadores como Davidson e Freud.

Certamente podemos encontrar na sua parte política importantes referências, como a Dewey, por exemplo, mas a contingência de uma comunidade liberal parece focalizar seu objetivo em direcionar exatamente para que tipo de cultura suas reflexões seriam aplicáveis, e isto parece restringir suas propostas iniciais.

A utopia de Rorty parece limitar aquilo que é primordial em seu pensamento: o futuro. Sua crítica a pensamentos filosóficos tradicionais fundacionalistas direciona-se ao fato de se tentar controlar o futuro, ter controle sobre as futuras configurações da realidade, independente de suas contingências. Contudo, sua utopia liberal corre o mesmo risco de tentar antecipar o futuro.

Mas isso não significa dizer que suas concepções não podem nos ajudar a pensar as questões políticas. Se ouvirmos seus conselhos sobre uma cultura poetizada, sobre a importância das metáforas nas nossas concepções políticas, podemos pensar em um futuro tão surpreendente como aquele que Rorty em tantos momentos vislumbra.

Que deixemos para o futuro que as metáforas sejam construídas ao acaso, e que se forem aceitas, literalizem-se. E é cabido que pensemos sobre isso no âmbito político, que possamos esperar que outras concepções políticas possam surgir e que sejam melhores, talvez, do que aquelas que temos hoje no mundo. Não fica claro como podemos pensar numa concepção de contingência junto à idéia de Rorty que talvez o liberalismo político seja o que precisamos.

Além disso, nesse mesmo futuro incerto que o acaso nos propõe, podemos até querer intimamente que a solidariedade se expanda entre os seres humanos,

mas não podemos esperar que possa ser uma convicção que realmente iremos partilhar. Certamente, frente às possibilidades que a contingência nos proporciona, a solidariedade da forma que Rorty defende pode tornar-se um fato presente na retórica pública, mas não podemos esperar que isto seja uma conclusão tão óbvia como às vezes Rorty faz parecer.

Como podemos observar na Introdução, pensar na filosofia como algo que pode superar questões fundacionais, representacionais, é poder considerar que não temos nenhum controle de como nossas práticas sociais irão configurar-se no futuro, e que o melhor que podemos fazer é esperar para vermos como as coisas acontecerão.

É muito rica a idéia de Rorty de pensar em uma cultura poetizada, onde vemos a metáfora como as novas criações de nossas práticas sociais, que ao acaso podem configurar-se como literais em algum momento. Mas não nos cabe determinar de antemão quais metáforas serão estas que brotarão.